

Presidente Samora Machel na Moamba:

"QUEREMOS AS CIDADES RURAIS QUE SIRVAM O POVO"

O Presidente Samora Machel reuniu, na passada quarta-feira, com a população de Moamba, na Província do Maputo, durante uma visita que efectuou à sede daquele distrito. Daquela reunião salientamos o seguinte improvisado do Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique:

Lamentamos porque o tempo é muito pequeno. Queremos pedir desculpas porque não temos tempo suficiente que nos permitiria discutir, profundamente a nossa vida, a vida que nós vivemos e a vida que queremos traçar; o que nós somos agora e o que queremos ser. Se tivéssemos mais tempo haveríamos de discutir e encontraríamos o caminho correcto que nos conduziria ao triunfo da nossa luta, ao triunfo da nossa revolução e à definição do nosso trabalho.

Primeiro diríamos: O que é que nós fomos? O que somos? O que queremos ser? O trabalho colectivo cria o homem, define o que o homem deve ser no futuro. Nós temos o inimigo número um, o nosso inimigo comum. O inimigo comum que deve ser combatido colectivamente. Pensamos que, no momento presente é a fome.

A fome só existe onde há opressão, a fome só existe onde há dominação, onde há escravatura; em que os homens trabalham para um punhado de gente. Aqueles que vivem do suor dos outros, aqueles que tratam as mãos como almofadas, que fazem das mãos almofadas, fazem da cabeça um tambor oro e só vivem fazendo barulho e só vivem produzindo as intrigas para desorganizar a população.

Onde há cabeças vazias há sempre desconfiança, em última análise há desorganização e desprezo entre as pessoas.

Uma vez desorganizados, uma vez desunidos pela desconfiança, uma vez instalado desprezo no nosso seio, facilmente somos aniquilados, facilmente somos destruídos pelo nosso inimigo. Era o inimigo colonialista ontem, hoje é a fome criada pelo colonialismo.

Hoje, o colonialismo está destruído, mas não está convencido da sua destruição. Não está convencido da sua incapacidade de organizar o povo. Ele aparecerá de várias maneiras, de várias formas, com caras diferentes.

Enquanto no mundo existirem indivíduos que querem viver à custa dos outros, enquanto existirem no mundo pessoas que querem viver como parasitas, como piolhos, será uma exigência permanente do nosso combate, para continuarmos a libertar a terra e os homens, a terra e o trigo para o povo, ajudarmos organizados a partir da sua iniciativa criadora, a partir da sua capacidade. E com essa capacidade é iniciativa enquadrados colectivamente, estaremos em condições de aniquilar, de liquidar a fome. Saberemos como consolidar a nossa unidade que constitui a «força invencível».

E por isso que as primeiras medidas da República Popular de Moçambique foram: primeiro — recuperar a terra e entregar a terra a quem trabalha.

A TERRA É DO POVO

Primeira medida: a terra não é propriedade de ninguém. A terra é propriedade do povo. Só o homem tem possibilidade de se desenvolver quando está ligado intimamente com a terra. A terra é que faz o homem e o homem trabalha a terra.

As novas ideias, o novo pensamento, o regulamento do nosso pensamento, vem da ligação íntima com a terra. Quando nós estamos separados da terra não temos novas ideias. Só trabalhando a terra descobrimos que a terra produz o milho, produz a batata-doce, produz a mandioca, produz o feijão, produz tudo. E a terra que produz, não é o ar. E por isso que os nossos patrões dividem a terra entre eles. Gos-

tam precisamente de dividir a terra. A terra que é fértil, a terra que é viva, fica para eles.

Essa foi a primeira medida. E por isso que nós tomámos a terra. Nós viemos da terra. A primeira coisa que o colonialismo ocupou foi a terra. Todo o domínio sobre as terras era exercido pelo regime colonial. Por isso a nossa primeira tarefa foi retirar a terra da mão dos exploradores e entregá-la ao povo. A isto chama-se libertar a terra.

COMBATE NA FRENTE DE PRODUÇÃO

Em segundo lugar: a educação privada foi liquidada em Moçambique. A situação da educação foi um produto dos exploradores. Nós, povo, não tínhamos hipóteses de estudar. O ensino era privilégio dos ricos, dos grandes senhores.

Em terceiro lugar falaremos um pouco dos hospitais, ou melhor, da saúde. A consciência, o pensamento, a mentalidade, são factores que se encontram ligados à nossa saúde. O hospital e a educação estão intimamente ligados. Enquanto que uma parte liberta o corpo, a outra completa e é a personalidade do homem. Por isso, os colonialistas tinham sob o seu controlo a educação e os hospitais. Uma criança com fome pode estudar? Uma criança doente e sem tratamento pode estudar? A fome, a ignorância e o obscurantismo está o intimamente ligados. Tudo está organizado pelo homem. É preciso liquidar a fome. Necessário se torna que liquidemos a doença, de modo a preparar-se um homem sã. Para que ele possa desenvolver uma mentalidade nova. Para que ele possa ser livre e não oprimido.

Por isso dizemos: combat-na frente da produção.

VIVAMOS ORGANIZADOS NAS ALDEIAS COMUNAIS

A roupa que temos vem da machamba. O copo que temos vem da machamba. A colher que possemos nasce do cam-

po de produção. É por isso que dizemos: vivamos organizados nas aldeias comunais, criando assim a vida colectiva.

É na aldeia comunal que vamos organizar a escola dos nossos filhos.

É na aldeia comunal que nós vamos criar o hospital para todos.

É na aldeia comunal que nós vamos construir a loja do povo.

Na aldeia comunal teremos a machamba colectiva e a cooperativa.

Em as aldeias comunais que abriremos as estradas; nas aldeias comunais canalizaremos a água para a população.

Na aldeia comunal intensificaremos a produção.

É na aldeia comunal onde aprenderemos a criar o pão a partir do milho e da mandioca.

A primeira coisa que os colonialistas fizeram foi a construção das cidades. Nós queremos as cidades rurais, que sirvam o povo. É lá onde teremos a nossa electricidade. É lá onde desenvolveremos a nossa cultura. É lá onde criaremos a nossa própria personalidade. É lá onde destruiremos o espírito individualista, o egoísmo, o roubo. É lá onde nós destruiremos os ladrões e os vagabundos, os que roubam gado aqui em Moamba. É lá onde estudaremos a técnica de defesa da nossa Pátria, a defesa territorial, a defesa das conquistas da Revolução. É lá onde aprenderemos como aniquilar o inimigo que invade o nosso país. É lá onde liquidaremos a diferença entre nós. A aldeia comunal é o centro difusor das nossas ideias. É o centro da organização e planificação. O centro de todas as nossas experiências. Obrigado por este encontro de hoje. En vou pedir aos meus colegas que organizem um dia em que possamos discutir, durante longas horas, porque também nós queremos aprender com as vossas experiências.

Viva a FRELIMO. Viva o Comité Central da FRELIMO. Viva a FRELIMO guia do povo moçambicano. Viva o povo moçambicano».

(De: "Notícias", Maputo, 1976-03-19)